

IGNORÂNCIA E ORGULHO



A Imperfeição dos Sentidos.

Basta um pouco de observação para avaliar a ignorância humana. Quando dois objetos se encontram a igual distância dos olhos, é o mais iluminado que parece mais próximo. A luz parece diminuir o espaço. Portanto, os olhos enxergam mal. Quando um cão sente um odor sutil, o homem confia nele, mas sem perceber coisa alguma. O olfato humano é grosseiro. Analogamente, o cão escuta coisas que o homem absolutamente não ouve. A audição humana é exígua; é muito débil e sua informação é rudimentar.

A Imperfeição da Mente.

Além disso, esses estreitos filetes de frágeis percepções são erroneamente filtrados por um intelecto precário. A Terra parece imóvel, e de modo geral achatada. Ou se diz (não faz muito tempo) que ela é redonda e se move. O Sol parece percorrer um arco por sobre a paisagem. Ou se diz (não faz muito tempo) que é preciso pensar o contrário.

O Panorama das Ilusões.

Eis então o homem preocupado. Que pode ele saber? Inseguro em suas percepções, equivocado em suas interpretações, ele perambula por um mundo onde cada som, cada cor, cada forma, é um logro.

Não obstante, nesse ambiente traiçoeiro, ele vive, em suma, à vontade. Acomoda-se num panorama de ilusões. Quando mede o seu jardim, não lhe importa saber que a linha reta é apenas uma aproximação em relação à superfície do globo terrestre. Ele estende sua trena e nela confia, apesar de que ela fornece, num espaço sempre curvo, apenas um valor aproximado. Não se deixa embaraçar por verdades com as quais nada pode fazer no momento.

Assim, equivocado por natureza, e defrontando-se constantemente com miragens, ele se compraz passivamente até o fim da sua vida. Existe no ser humano um velho homem, satisfeito com suas aproximações e receando abandoná-las.

O Velho Homem.

Esse velho homem é o grande inimigo. Ele se fecha a inovações. Dá as costas quando é convidado a refletir. Que alguém diga que o olho humano inverte toda imagem que percebe; que a imagem de uma árvore é percebida de cabeça para baixo antes que o cérebro a endireite; e que todo mundo afinal vê o mundo invertido, mas pensa nele direito, e o velho homem retrucará: “Pouco importa! Para mim, as folhas estão em cima e as raízes em baixo”. E está encerrada a discussão.

A Muralha do Orgulho.

Assim fechado no seu ego, que consolida o orgulho, o ser humano
nisto se obstina, sem progresso, sem luz.

É preciso que, antes de mais nada, o velho homem morra e, com
ele, o orgulho e todas as crenças. É somente fazendo-se pequeno
que se cresce verdadeiramente. Para se tornar diferente do que se
é, é preciso primeiro abandonar o que se é.

(Texto do livro "O Legado do Saber" de Max Guilmot – Biblioteca Rosacruz, pág. 11).